

“O INIMIGO, COMO OS CHAMAMOS; A GUERRILHA, COMO A BBC OS CHAMA”: A DEKEMVRIANA GREGA SEGUNDO A PERSPECTIVA DE SOLDADOS BRITÂNICOS (1944)

“THE ENEMY AS WE CALL THEM, THE GUERRILLAS AS THE BBC CALLS THEM”: THE GREEK DEKEMVRIANA THROUGH THE PERSPECTIVE OF BRITISH SOLDIERS (1944)

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA ^{1*}

Resumo: Trataremos um aspecto emblemático do fim da Segunda Guerra Mundial: a intervenção britânica na guerra civil grega e as controvérsias geradas na sociedade britânica. Durante um episódio específico desse processo, a *Dekemvriana* (dezembro de 1944), a imprensa britânica fez oposição à política do governo, considerando a guerrilha comunista grega — que lutava contra a monarquia helena apoiada por Londres — um legítimo movimento popular. Encontramos percepções diferentes em cartas escritas por soldados britânicos então presentes na Grécia, compiladas e distribuídas pelo primeiro-ministro Churchill para seus colegas do Gabinete de Guerra. Analisamos essa seleção de excertos de correspondência para compreender como alguns soldados se colocavam contrários à cobertura jornalística da época e qual era a percepção acerca da política de seu governo e dos guerrilheiros que combatiam. A documentação analisada indica que existia, entre os militares britânicos, a ideia de que as ações de seu governo na Grécia eram, de modo geral, corretas e que a imprensa distorcia os fatos ao retratar de forma heroica um movimento de guerrilha considerado por eles como um bando anárquico, sanguinário e ditatorial. Esperamos, com este trabalho, lançar alguma luz sobre os complexos debates acerca de um dos momentos mais importantes do declínio do poder global britânico.

Palavras chave: Guerra civil grega. Intervenção britânica. Soldados.

Abstract: We are going to deal with an emblematic aspect of the end of the Second World War: the polemic arisen among the british society for their government’s intervention in the

¹ Artigo recebido em 19 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 29 de julho de 2019.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Vinculado ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC/UFF). Bolsista do CNPq. (E-mail: felipedesouza1988@gmail.com)

greek civil war. During a specific episode of the war, the *Dekemvriana* (December, 1944), the government's politics were heavily criticized by the british press which considered the greek left wing guerrillas — that were fighting against the London supported hellenic monarchy — as a legitimate popular movement. Different opinions can be found in a compilation of letters written by british soldiers in Greece, which prime minister Winston Churchill distributed among his War Cabinet's colleagues. We analyzed those letters in order to comprehend how some soldiers disagreed with the journalistic coverage of the greek war. Our sources indicate that there were, among the soldiers, the idea that their government's actions in Greece were correct, and that the press distorted the facts when it portrayed as heroes a guerrilla movement considered by the soldiers as violent, anarchic and authoritarian. We hope this paper casts some light on the complex debates on one of the most important moments of the declining world power of Britain.

Keywords: Greek civil war. British intervention. Soldiers.

Introdução

Abordaremos um tema que, nos últimos momentos da Segunda Guerra Mundial, gerou grande comoção na Grã-Bretanha: a intervenção militar na guerra civil grega (1943-1949). A questão suscitou discussões na sociedade britânica — nas câmaras parlamentares, na imprensa, em reuniões partidárias e nos sindicatos — especialmente a partir de dezembro de 1944, quando teve início a luta armada entre o Governo de Unidade Nacional, estabelecido na Grécia logo após o fim da ocupação do Eixo (outubro de 1944), e a Frente de Libertação Nacional (EAM — *Ethniko Apeleftherotiko Metopo*), a principal força de combate aos invasores, por intermédio de seu braço armado guerrilheiro, o Exército de Libertação do Povo Grego (ELAS — *Ellinikós Laïkós Apeleftherotikós Stratós*). As tropas britânicas estacionadas na Grécia, agindo em defesa do governo, entraram em choque com o ELAS. A batalha de Atenas ficou conhecida pelos gregos como *Dekemvriana* — “os eventos de dezembro”.

O primeiro-ministro Winston Churchill e seus aliados no Partido Conservador, que liderava um governo de coalizão no Reino Unido, sofreram críticas frequentes por conta de suas ações na Grécia, tanto nas Câmaras dos Lordes e dos Comuns quanto na imprensa; críticas que não se limitavam aos jornais de oposição. Enquanto atuavam nos debates parlamentares advogando a continuidade da intervenção, Churchill e seus apoiadores também se preocupavam com a influência que os meios de comunicação de massa estariam exercendo sobre as discussões públicas. Tal apreensão não se dava apenas nas discussões políticas. Encontramos, no *National Archives* — um acervo digital de documentação oficial mantido pelo Estado britânico —, registros significativos de que militares engajados no combate ao

ELAS também consideravam o tom predominante da cobertura jornalística sobre a situação na Grécia inconveniente e profundamente equivocado. São essas expressões de descontentamento que pretendemos analisar neste artigo.

Os registros aos quais nos referimos acima estão em um relatório² que Churchill fez circular no Gabinete de Guerra das Autoridades de Censura Militar durante o último dia de 1944. Trata-se de uma compilação de excertos de cartas escritas por soldados britânicos na Grécia entre os dias 10 e 16 de dezembro de 1944. Como diz a abertura do relatório, “[...] a correspondência desta semana [mostra] um posicionamento definido contra qualquer coisa conectada à imprensa e a notícias”, que são tidas como “besteiras”³. Estudaremos os excertos desse relatório para compreender quais eram as percepções expressas por esses soldados acerca dos guerrilheiros por eles combatidos e da política britânica para a Grécia.

Embora a guerra civil grega seja, de acordo com Gerolymatos⁴ e Sakkas⁵, um dos mais importantes conflitos do século XX — por seu significado no que se refere à política externa britânica e também por ser um dos episódios iniciais da Guerra Fria —, esse assunto é pouco estudado no Brasil. Na Grécia, na Grã-Bretanha e nos EUA, reflexões de fôlego começaram a circular logo após o fim do conflito. Entretanto, em 1948, quando a guerra ainda estava em curso, C. M. Woodhouse, que fora chefe de uma missão militar britânica na Grécia entre 1943 e 1944, publica *Apple of discord*⁶, defendendo a tese de que, já durante a ocupação, os líderes da EAM — compostos por membros do Partido Comunista Grego (KKE — Kommounistikó Kommas Elládas) — estavam menos preocupados em combater as forças do Eixo e mais focados em derrotar grupos guerrilheiros rivais, com o intuito de estabelecer em Atenas, por intermédio da força, uma ditadura nos moldes soviéticos.

Segundo Sakkas⁷, a obra de Woodhouse se tornou a principal referência para os estudiosos nas duas décadas seguintes e inaugurou a chamada corrente tradicionalista da historiografia da guerra civil, à qual se filiam outros trabalhos importantes, como *Revolution*

² The National Archives: CAB 66/60/16. Disponível em: <https://discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/C9089701>. Acesso em 27 de março de 2019.

³ CAB 66/60/16, p.1.

⁴ GEROLYMATOS, André. *An international civil war: Greece, 1943-1949*. 1ªed. New Haven: Yale University Press, 2016.

⁵ SAKKAS, John. *Britain and the greek civil war, 1944-1949: British imperialism, public opinion and the coming of the cold war*. 1ªed. Berlin: Verlag, 2007.

⁶ Recentemente, o trabalho de Woodhouse ganhou nova edição com título alternativo: WOODHOUSE, C. M. *The struggle for Greece*. 2ª edição. New York: Ivan Dee, 2002.

⁷ SAKKAS, John. *Old Interpretations and New Approaches in the Historiography of the Greek Civil War*. Sd. Disponível em: www.academia.edu/john-sakkas-old-interpretations-new-approaches-greek-civil-war. Acesso em 01/06/2019.

and defeat (1965), de George Kousoulas⁸, e *The greek civil war* (1966), de Edgar O' Balance⁹. Os autores tradicionalistas argumentavam que a intervenção militar britânica a partir de dezembro de 1944 e a atuação estadunidense a partir de março de 1947 garantiram que a Grécia permanecesse um país livre e independente. Os guerrilheiros comunistas eram tidos como os principais responsáveis pelo conflito: teriam agido sob orientação de Moscou para colocar a nação helênica sob tutela soviética.

No início da década de 1950, uma perspectiva diversa — considerada *revisionista* — começou a tomar forma, embora viesse a se tornar hegemônica apenas a partir dos anos 1970, quando foram disponibilizadas fontes governamentais britânicas e estadunidenses até então inéditas, permitindo a acadêmicos, veteranos e simpatizantes do ELAS problematizar as interpretações tradicionalistas. O revisionismo tem como marco inicial a publicação de *Greece: american dilemma and opportunity* (1952), do historiador canadense Leften Stavrianos¹⁰. Para Stavrianos, a crise grega não teria sido causada pelo movimento comunista internacional ou pelos revolucionários gregos, mas sim pela violência praticada por grupos políticos de direita apoiados pela Grã-Bretanha e pelos EUA. A crítica às intervenções britânica e estadunidense nas questões gregas são a característica principal do revisionismo. Embora não se furtem a análises críticas da guerrilha, os revisionistas em geral argumentavam que o KKE e o ELAS eram organizações verdadeiramente democráticas que lutavam por uma Grécia independente, sem qualquer plano obscuro de favorecer Moscou. Os anseios por uma nação helênica livre teriam sido destruídos pela insistência britânica em manter a Grécia em situação de dependência. O revisionismo — do qual podemos destacar as obras de Constantinos Tsoukalas¹¹ (*The greek tragedy*, de 1969) e John Iatrides¹² (*Revolt in Athens*, de 1972) — foi a corrente predominante até o fim da Guerra Fria.

Foi justamente no final da década de 1980 que o papel da Grã-Bretanha no advento da Guerra Fria começou a receber mais atenção da academia. Essa questão originou uma vertente de estudos que também abordou, entre outras questões, a intervenção britânica na Grécia, interpretada como um dos primeiros episódios do confronto entre o autointitulado mundo livre capitalista e o socialismo real. Em *British Labour and the Cold War* (1987), Peter Weiler¹³, por exemplo, argumenta que a Guerra Fria foi caracterizada por uma tentativa, por

⁸ KOUSOULAS, George. *Revolution and defeat: the story of the greek communist party*. 1ªed. Oxford: Oxford University Press, 1965.

⁹ O'BALANCE, Edgar. *The greek civil war*. 1ªed. New York: Praeger, 1966.

¹⁰ STAVRIANOS, Leften. *Greece: american dilemma and opportunity*. 1ª ed. Chicago: Henry Regnery, 1952.

¹¹ TSOUKALAS, Constantin. *The greek tragedy*. 1ªed. London: Penguin, 1969.

¹² IATRIDES, John. *Revolt in Athens*. 1ªed. Princeton: Princeton University Press, 1972.

¹³ WEILER, Peter. *British Labour and the cold war*. 1ªed. Stanford: Stanford University Press, 1988.

parte das potências ocidentais, de conter o crescimento de movimentos radicais de trabalhadores, fossem eles domésticos ou estrangeiros. Para Weiler, era crescente a influência comunista nos movimentos sindicais gregos, sendo que a intervenção de Londres e Washington teria se dado com o objetivo primário de bloquear essa influência, a qual poderia ameaçar os interesses britânicos e estadunidenses na região. Também vale a pena citar Anne Deighton¹⁴ e Robert Frazier¹⁵, que defendem a tese de que a intervenção na Grécia fazia parte de um conjunto de ações britânicas na região oriental do Mediterrâneo, as quais, no imediato pós-guerra, eram fortemente marcadas por uma oposição frontal à URSS, especialmente no tocante aos interesses estratégicos de Londres no Oriente Médio.

Independentemente da perspectiva, todas essas interpretações têm em comum o foco nas decisões políticas de cúpula e uma busca pela *responsabilidade*: a grande questão era determinar quais forças políticas poderiam ser consideradas as causadoras do conflito grego. Do final da década de 1940 até os anos 1990, as tensões entre EUA e URSS e, na Grécia, as dificuldades em se chegar a uma conciliação quanto à guerra, contribuíram para acentuar os traços políticos e militantes de boa parte dos debates historiográficos, à esquerda e à direita, o que conferia aspectos binários às pesquisas e o escamoteamento de outras dimensões do tema. Segundo Sakkas¹⁶, o fim da Guerra Fria e o apaziguamento das paixões políticas na Grécia facilitaram, a partir da década de 1990, a divulgação de novas perspectivas de pesquisa, que, embora muito variadas, normalmente são colocadas sob o termo de *pós-revisionismo*. Os trabalhos rotulados como pós-revisionistas costumam problematizar tanto a perspectiva tradicionalista quanto a revisionista, chamando atenção para o que seria uma impossibilidade, diante das evidências disponíveis, em taxar um ou outro grupo como principal responsável pelo conflito. No entanto, essa problematização passa a ter importância lateral: a ênfase em questões imediatamente políticas é reduzida e os aspectos econômicos e sociais recebem maior atenção.

Uma nova geração de pesquisadores seguindo uma abordagem interdisciplinar e diferentes prioridades de pesquisa utilizaram estudos locais, história oral e métodos antropológicos juntamente a formas mais convencionais de história social e política para alcançar questões antes ignoradas. Como as pessoas respondiam à repressão. Por que elas escolhiam participar da resistência ou das unidades colaboracionistas?¹⁷

¹⁴ DEIGHTON, Anne (org.). *Britain and the first cold war*. New York: Palgrave MacMillan, 1990.

¹⁵ FRAZIER, Robert. *Anglo-american relations with Greece: the coming of the Cold War, 1942-1947*. New York: St Martin's Press, 1991.

¹⁶ SAKKAS, Jonh. *Old Interpretations and New Approaches in the Historiography of the Greek Civil War*. Sd. Disponível em: www.academia.edu/john-sakkas-old-interpretations-new-approaches-greek-civil-war. Acesso em 01/06/2019.

¹⁷ Idem, p.6.

Não há espaço aqui para listarmos todos os temas abordados pelos pesquisadores a partir do início deste século, dentre os quais se destacam pesquisa sobre as mulheres e as relações de gênero durante a guerra civil grega, sobre os refugiados e seus filhos, sobre pequenas vilas, sobre questões étnicas e sobre a construção da memória coletiva. O que nos interessa particularmente é que a questão da intervenção britânica na Grécia também passou a ser vista sob novas perspectivas a partir do trabalho de John Sakkas, *Britain and the Greek Civil War. British Imperialism, Public Opinion and the Coming of the Cold War*¹⁸, no qual é examinado o impacto que a política externa de Londres para a Grécia teve em diversas instituições britânicas, como a imprensa, as organizações sindicais, os partidos de oposição, etc. A principal qualidade da pesquisa de Sakkas, em relação às tendências tradicionalistas e revisionistas, é a ênfase no fato de que a Grã-Bretanha não é um bloco monolítico que opera simplesmente como um vetor imperialista ou como mantenedor da liberdade, a depender da interpretação. Ao contrário, Sakkas indica que a intervenção na Grécia foi um processo complexo e contraditório, empreendido por milhares de pessoas exercendo as mais diversas tarefas, e também foi parte integrante de intrincadas lutas políticas que se desenrolavam em várias dimensões sociais, nas quais colidiam diferentes percepções do que deveria ser a política externa de Londres e o que ela deveria defender.

O artigo de Loukianos Hassiotis¹⁹, *The Dekemvriana through the eyes of British soldiers*, ao abordar como os soldados britânicos que participavam da intervenção enxergavam esse processo, também nos mostra como eram complexas e contraditórias as percepções dos britânicos em relação à forma como seu governo agia na Grécia. Embora o material predominante trabalhado por Hassiotis consista em diários e memórias de guerra dos homens que combateram o ELAS, seu artigo cita, de passagem, o relatório de correspondências de soldados que pretendemos trabalhar aqui. Ao constatar a disponibilidade de tal documento no acervo digital dos *National Archives* britânicos, um breve exame mostrou que os fragmentos de cartas contidos nos relatórios continham opiniões não apenas favoráveis à política do governo, mas hostis à imprensa e aos membros do Parlamento que se posicionavam de forma contrária à intervenção, além de expor imagens específicas dos guerrilheiros do ELAS. Por isso, avaliamos que uma análise mais pormenorizada do material seria de relevância para captar não apenas as percepções criadas por alguns dos homens que participaram do conflito, mas também como essas percepções se chocavam com as

¹⁸ SAKKAS, John. *Britain and the greek civil war, 1944-1949: British imperialism, public opinion and the coming of the cold war*. 1ªed. Berlim: Verlag, 2007.

¹⁹ HASSIOTIS, Loukianos. The Dekemvriana through the eyes of the British soldiers. *Journal of Modern Greek Studies*, Baltimore, v.33, n.2, pp.269-291, out 2015.

interpretações oferecidas por boa parte dos meios de comunicação de massa. Espera-se que tal exercício de análise apreenda alguns aspectos da celeuma causada na sociedade britânica acerca de uma das questões mais emblemáticas do final da Segunda Guerra Mundial, contribuindo com as novas perspectivas de estudo acerca da guerra civil grega e suas implicações internacionais.

A preocupação de setores do governo quanto à cobertura jornalística da questão grega

A guerra civil grega foi um dos marcos da decadência da hegemonia global britânica e de sua substituição pelos Estados Unidos da América. Desde a década de 1830, a Grécia fazia parte do que Porter²⁰ chama de império informal: regiões que não faziam parte do sistema de colônias, protetorados, domínios e mandatos, mas nas quais os britânicos exerciam uma hegemonia decorrente principalmente de sua expansão econômica que se tornou mais evidente a partir de meados do século XIX. Foi justamente no curso da guerra civil, mais especificamente em 1947, que o governo britânico admitiu não ter mais condições de manter o controle sobre a Grécia e solicitou que o governo estadunidense assumisse o protagonismo na nação helênica.

A importância da Grécia para a Grã-Bretanha era sobretudo estratégica. Situado no sul da Península Balcânica, o país heleno fazia parte de uma rede de pontos na região do Mediterrâneo sobre os quais Londres exercia hegemonia. Partindo de Gibraltar, passando por Malta, em seguida pela Grécia continental e insular, pelo Chipre e, finalmente, pelo Canal de Suez no Egito, formava-se a linha vital de comunicações do Império, essencial para a circulação de mercadorias e para o deslocamento da Marinha Real entre a metrópole e as colônias no subcontinente indiano. O governo de George II, Rei dos Helenos, era aliado tradicional e confiável dos britânicos e, quando os alemães tomaram Atenas em 27 de abril de 1941, o monarca foi extraído do país por agentes britânicos e instalado no Cairo como governo grego em exílio. Segundo Frazier²¹, a linha defendida por Churchill e pelo Foreign Office era facilitar a restauração da monarquia helena assim que a ocupação acabasse, com o intuito de preservar as vantagens britânicas no Mediterrâneo.

Foi sob a supervisão britânica que membros do governo exilados e as lideranças dos grupos de resistência chegaram a um acordo, em setembro de 1944, para formar um governo

²⁰PORTER, Bernard. *The lion's share: a short history of british imperialism, 1850-1995*. 3ªed. London: Longman, 1996.

²¹FRAZIER, Robert. *Anglo-american relations with Greece: the coming of the Cold War, 1942-1947*. New York: St Martin's Press, 1991.

organizado como monarquia parlamentar para administrar a Grécia após a libertação. Os dirigentes da EAM concordaram em compor uma coalizão que tivesse George II como rei, a despeito do histórico de hostilidade entre a monarquia e as esquerdas que foi agravada a partir de agosto de 1936, quando o primeiro-ministro Ioannis Metaxas recebeu apoio do rei para decretar estado de emergência e dissolver o parlamento, sob o pretexto de impedir o avanço do KKE na política institucional, inaugurando, assim, um período de perseguição a políticos de esquerda. Em 12 de outubro de 1944, as forças do Eixo desocuparam Atenas e deram início à retirada. Seis dias depois, membros do governo exilados desembarcaram na Grécia escoltados por tropas britânicas e foi estabelecido o Governo de Unidade Nacional. Embora o entusiasmo tenha marcado os primeiros dias da libertação, problemas administrativos, econômicos e políticos logo aumentaram os atritos entre os membros da EAM e o novo governo.

O ponto culminante das tensões foi o decreto governamental de desmobilização de todas as organizações de resistência e a formação de um novo exército e uma nova guarda nacional²². A cúpula da EAM avaliou que os termos do desarmamento poderiam levar a uma perseguição generalizada de grupos de esquerda por parte de elementos direitistas e, em dois de dezembro, seis ministros da organização, em protesto, renunciaram a seus assentos no governo. A EAM convocou seus apoiadores para uma manifestação a ocorrer na Praça Syntagma, centro de Atenas, em frente ao Parlamento Helênico, no dia seguinte.

Na manhã de três de dezembro, a praça estava lotada de manifestantes e cercada pela polícia. Na escalada das tensões, policiais acabaram disparando contra a multidão, resultando em mortos e feridos. Esse evento desencadeou uma batalha brutal entre a EAM-ELAS e as forças do governo assistidas por tropas britânicas. O arrefecimento provisório veio apenas em 12 de fevereiro de 1945 com o Acordo de Varkiza, no qual o ELAS depôs suas armas²³.

Segundo Koutsopanagou²⁴ e Sakkas²⁵, as atitudes da imprensa em relação à Grécia — um tema constante nas coberturas desde 1943 — refletiam parte considerável da opinião pública britânica, que, ao longo da Segunda Guerra Mundial, havia se radicalizado em direção à esquerda do espectro político. Os principais meios de comunicação de massa, acompanhando essa tendência, demonstravam certa simpatia — explícita ou implícita — para com os movimentos de resistência da Europa e relutavam em se conformar à política oficial

²²HASSIOTIS, Loukianos. The Dekemvriana through the eyes of the British soldiers. *Journal of Modern Greek Studies*, Baltimore, v.33, n.2, pp.269-291, out 2015.

²³GEROLYMATOS, *op. cit.*

²⁴KOUTSOPANAGOU, Panagioula. *The british press and greek politics, 1943-1949*. 1996. Tese (Doutorado em História Internacional) – London School of Economics and Political Science, University of London, London.

²⁵*Op. cit.*

do governo. Essa tendência ficou mais clara em dezembro de 1944, quando “[...] a imprensa britânica se colocou quase como uma unidade contra a política externa britânica em relação à Grécia”²⁶. A análise de Sakkas vai no mesmo sentido:

A crise grega de dezembro de 1944 revelou, acima de tudo, que uma grande parcela da população britânica era simpática à resistência grega em geral e à EAM-ELAS em particular. [...] No inverno de 1944, a imagem que emergiu da EAM-ELAS era a de um genuíno movimento popular que havia desenvolvido uma ampla base de seguidores entre os gregos, e que havia desempenhado um papel de liderança na resistência à ocupação do Eixo. Os eventos de três de dezembro em Atenas ultrajaram a opinião pública britânica porque a polícia disparou contra uma multidão desarmada composta principalmente de crianças e jovens, cuja maioria pertencia à EAM-ELAS; e a polícia era a força que recebia apoio do governo britânico.²⁷

A percepção favorável à EAM-ELAS e aos movimentos de resistência em geral era proveniente, em parte, de acordo com Sakkas, pelo fato de que, durante a Segunda Guerra Mundial, tais movimentos compartilhavam com a Grã-Bretanha os mesmos inimigos: as forças fascistas e seus aliados.

[A população britânica estava] determinada a transformar o mundo que havia produzido fascismo e guerra. Os movimentos europeus de resistência eram vistos como as únicas forças capazes de se opor aos resquícios dos regimes [...] autocráticos do pré-1939 [...] e estabelecer uma nova ordem social baseada nos princípios de liberdade, democracia e igualdade social.²⁸

Por sua vez, o governo, pelo menos desde 1943, sofria críticas da imprensa em função de seu apoio à monarquia helena e se esforçava para que as notícias tivessem um tom geral mais favorável. Isso pode ser percebido, por exemplo, na ocasião de 17 de dezembro de 1944, quando ocorreu na Praça Trafalgar de Londres um protesto contra a política externa britânica, intitulado *Hands off Greece* e noticiado via rádio pela *British Broadcasting Corporation* (BBC), a mais importante transmissora jornalística britânica. No dia seguinte, a transmissão foi discutida em reunião do Gabinete de Guerra, na qual estavam presentes Churchill e Anthony Eden, Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros. No relatório da reunião consta:

O Gabinete de Guerra teve uma breve discussão acerca da proeminência dada pela BBC, nos noticiários das 18h e das 21h de domingo, 17 de dezembro, à manifestação “Hands off Greece” [...]. O Gabinete de Guerra foi informado que o Ministro da Informação (que não pôde estar presente) opinou que, enquanto os governadores da BBC detivessem o grau de independência que o Gabinete de Guerra lhes garantiu em 1941, seria difícil fazer algo mais no sentido de controlar as apresentações de notícias da BBC.²⁹

²⁶KOUTSOPANAGOU, *op. cit.*, p.85.

²⁷SAKKAS, John. *Britain and the greek civil war, 1944-1949: British imperialism, public opinion and the coming of the cold war*. 1ªed. Berlim: Verlag, 2007, p.52.

²⁸Idem.

²⁹The National Archives. CAB 65/44/41, p.327. Disponível em: <https://discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/C9169122>. Acesso em 27 de março de 2019.

É evidente a percepção, por parte dos membros do Gabinete, de que era inconveniente a ampla divulgação de sinais de descontentamento quanto às ações britânicas na Grécia, em especial atos da magnitude do *Hands of Greece*, caracterizado pelo jornal *Daily Worker*³⁰ como a maior manifestação londrina desde que a população saiu às ruas para exigir a abertura da segunda frente de guerra, em 1942.

Além de divulgar manifestações domésticas de descontentamento, a luta na Grécia era coberta *in loco* por funcionários de nove empresas de comunicação britânicas: BBC, Reuters, The Times, Manchester Guardian, Daily Express, Daily Mail, Daily Herald, Kemstey Press e Daily Telegraph³¹. Um rápido exame das transcrições dos debates travados nas câmaras dos Comuns e dos Lordes acerca da *Dekemvriana* indica que frequentemente os parlamentares contrários à intervenção utilizavam material da imprensa para fortalecer seus argumentos. No debate entre os Comuns de cinco de dezembro de 1944, por exemplo, Leslie Haden-Guest, parlamentar do Partido Trabalhista, ao questionar Churchill a respeito do tiroteio na Praça Syntagma, diz:

Não é um fato que a manifestação que foi alvejada consistia em 200 crianças e jovens desarmados? Estou citando o correspondente do *Times*. Não é um fato que o tiroteio continuou por uma hora, salvagem e violentamente — novamente estou citando *The Times* —, e não é fato que há na Grécia um sentimento generalizado de que a questão dos colaboracionistas não foi abordada, e que os batalhões de segurança que foram estabelecidos pelos alemães para lutar contra o movimento grego [de guerrilha] estão sendo mantidos pelo governo atual [...]?³²

As cartas de soldados britânicos estacionados na Grécia

Avaliamos que o relatório que Churchill distribuiu a seus colegas do Gabinete de Guerra, no dia 31 de dezembro de 1944, foi elaborado mediante às preocupações políticas que surgiram das pressões que incidiam sobre o governo britânico a partir de várias organizações e setores sociais. Nesse sentido, o relatório foi produzido quando ainda não havia fim a vista para a situação grega. A nota que abre o documento, assinada por Churchill, diz:

Meus colegas [do Gabinete de Guerra] devem ser o relatório em anexo [emitido] pelas Autoridades de Censura Militar, entregue a mim pelo marechal de campo Sir Harold Alexander, a respeito de cartas escritas por soldados britânicos na Grécia durante a semana que terminou no dia 16 de dezembro³³.

³⁰Daily Worker, 18. Dec. 1944.

³¹KOUTSOPANAGOU, *op. cit.*

³²HC Deb (05 December 1944) vol 406, c359. Disponível em: <https://api.parliament.uk/historic-hansard/commons/1944/dec/05/greece-disturbances-athens>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

³³CAB 66/60/16, sp.

O relatório traz 33 excertos de cartas escritas por militares — soldados e oficiais — para entes queridos residentes na Grã-Bretanha. Os trechos, em geral, apresentam um tom claramente favorável à intervenção e contrário às ações do ELAS. Mais do que isso, os escritos fazem críticas duras tanto ao tom geral apresentado na cobertura jornalística quanto aos parlamentares que criticavam a política empreendida pelo governo. Levando em consideração as críticas constantes que as ações na Grécia estavam recebendo no momento, é razoável inferir que os funcionários das Autoridades de Censura Militar prepararam o documento com o intuito específico de fornecer um contraponto a essas críticas, enunciando a visão divergente de homens que realmente estavam envolvidos no conflito armado. Também é plausível levantar a hipótese de que Churchill tenha distribuído o material a seus colegas do Gabinete de Guerra para tentar encorajar a manutenção da política em curso.

Não é possível, a partir das fontes a nossa disposição, examinar quais eram as percepções dominantes entre a totalidade dos militares britânicos presentes na Grécia. Segundo o documento, entre 10 e 16 de dezembro, de um total de 1830 cartas enviadas por soldados, foram lidas 728, das quais apenas 33 foram escolhidas para integrarem o relatório. Além disso, esse relatório apresenta apenas pequenos trechos de tal correspondência e, infelizmente, não temos acesso aos textos integrais das cartas e nem sabemos quais foram os critérios de seleção e edição.

No sumário da compilação, podemos ler:

Se o objetivo principal dos escritores [militares que escreveram cartas] da semana passada era fazer com que [...] [os destinatários] não levassem em consideração as notícias da imprensa, com o objetivo de acalmá-los, o desenvolvimento dos eventos, aqui [com o acirramento da batalha] e em casa [na Grã-Bretanha, com as manifestações contrárias à intervenção], mostra [sic] na correspondência desta semana um posicionamento mais definido contra qualquer coisa conectada à imprensa e às notícias. “Olhando de perto, tem havido muita distorção e deturpação na imprensa” [diz uma das cartas]. [Os textos dos jornais] [...] são simplesmente considerados “lixo” e “as besteiras que eles produzem estão nos deixando simplesmente furiosos” [diz outra carta]. “O que a imprensa tem feito realmente é encorajar os rebeldes [ao passar a impressão] que nós não somos apoiados pelo nosso povo [britânico]”.³⁴

Dada a controvérsia suscitada na sociedade britânica quanto à questão grega, não podemos descartar a hipótese de que o relatório tenha exagerado propositalmente o tom pró-governo aferido na totalidade das correspondências, assim como de que os examinadores responsáveis pelas cartas tenham feito uma seleção tendenciosa com o intuito de transformar o documento em instrumento de luta política a favor da continuidade da intervenção. Vale a

³⁴CAB 66/60/16, p.1.

pena lembrar, a partir de Jacques Le Goff³⁵, que para a pesquisa histórica é essencial considerar que não existem documentos objetivos ou inócuos. São sempre produtos da sociedade que os fabricou, segundo relações de força e poder específicas. Portanto, é lícito afirmar que os elementos que possibilitam que o historiador trate as fontes de informação histórica de modo adequado são a consciência e a percepção das disputas de força que ocorrem em uma sociedade, das quais a produção de documentos é partícipe.

Nesse sentido, é necessário salientar que não é possível examinar se os soldados das cartas contidas no relatório tinham uma melhor compreensão do que se passava na Grécia do que os repórteres. É verdade que, durante a *Dekemvriana*, os jornalistas tiveram seus movimentos e acesso à informação limitados pelas mais diversas questões. Os correspondentes da imprensa eram cadastrados nas forças britânicas e não podiam circular por territórios sob domínio do ELAS³⁶. Também tinham que lidar com a censura militar e frequentes interferências por parte de oficiais britânicos.

Por outro lado, os militares — inclusive os oficiais — recebiam informações muito fragmentadas e inadequadas a respeito da situação grega. De modo geral, os soldados britânicos não tinham uma noção clara nem das questões sociais e políticas pelas quais lutavam os gregos, nem dos objetivos reais da política oficial de seu próprio governo, além de terem escasso ou nenhum conhecimento da língua grega³⁷. Os homens transferidos para a Grécia recebiam de seus superiores um manual intitulado *Greece*, mas esse material continha pouco mais do que generalidades e nada substancial acerca dos conflitos políticos helênicos. Ademais, as informações às quais os soldados tinham acesso ao longo de sua estadia na Grécia geralmente eram provenientes de oponentes da EAM-ELAS. Nesse sentido, nota-se que os preconceitos anticomunistas eram muito difundidos entre o oficialato britânico da época³⁸, o que, em parte, ajuda-nos a entender o tom virulento anti-ELAS das correspondências: a fonte que aqui analisamos traz 24 excertos da autoria de oficiais, de um total de 33 (os nove restantes são trechos de cartas da autoria de dois soldados rasos, um bombardeiro, dois motoristas, dois sapadores e dois militares sem posição mencionada).

Levando em conta todas as lacunas apresentadas pelo documento em questão, sua importância fica clara quando levamos em consideração as reflexões de Rodrigues³⁹, para

³⁵ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

³⁶KOUTSOPANAGOU, *op. cit.*

³⁷HASSIOTIS, *op. cit.*

³⁸Idem.

³⁹ RODRIGUES, Henriques. O bilhete postal na Primeira Guerra Mundial, uma fonte a explorar. In: PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge; ALVES, Luís Alberto M.; MEIRELES, Maria Conceição (org.). *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e representações*. 1ªed. Porto: CITCEM, 2014.

quem a correspondência na guerra se dava geralmente pelo motivo do afastamento de casa e a distância que se colocava entre os militares e suas famílias. Perante a essas situações, as cartas se transformavam em um refúgio privilegiado do sentimento, da saudade e da *autenticidade* das mensagens remetidas dos militares para os seus entes queridos. Nos contextos de distância entre esses agentes, a correspondência era importante para manter as identidades sociais, unindo as esferas militar e doméstica.

O que nos interessa particularmente é a questão da *autenticidade*: unindo da melhor forma possível a esfera íntima, familiar, confortável, à situação de conflito e distância, os soldados em suas cartas se expressavam de forma mais desenvolta, fluida, sem a preocupação com protocolos e hierarquias de comando, que deveriam ser sempre observadas nos campos de batalha. Portanto, consideramos que as opiniões dos soldados podem ser aferidas com mais clareza em suas correspondências pessoais do que em registros oficiais de comunicações internas à corporação, entre membros das mais diversas patentes.

Nesse sentido, o relatório é uma fonte valiosa por registrar — com nuances — percepções acerca do conflito que colidiam com o que geralmente se noticiava na imprensa e com as posições expressas nas manifestações críticas ao governo na Grã-Bretanha. A carta de um oficial deixa isso claro: “[...] estou em posição de ver a história sendo forjada, isso é trágico, porém inevitável, e na minha opinião nós estamos absolutamente certos em nossa ação, deveriam chamar isto [a intervenção] de segunda libertação da Grécia.”⁴⁰ Um outro oficial se mostra menos entusiástico, mas parece aceitar a política de seu governo como o menor dos males: “Eu percebo que nós tomamos o único caminho possível que estava aberto para nós.”⁴¹ Um bombardeiro, após deixar claro que nem sempre concorda com as ações do governo, diz:

[...] eu certamente o apoio neste caso — e tenho certeza de que quase todos os soldados britânicos aqui se sentem da mesma forma. De qualquer forma, eu creio que [...] as autoridades irão resolver as coisas aqui da melhor forma possível.⁴²

As referências explícitas à cobertura jornalística do conflito — considerada como deturpadora dos fatos — são várias. Podemos ler as queixas de um oficial: “O que está deixando todos os meninos aqui furiosos é a forma como isso [o conflito na Grécia] está sendo distorcido na imprensa em casa.”⁴³ Outro oficial escreve: “[...] o que mais nos incomoda é a besteira que os jornais parecem estar produzindo. A imprensa está fazendo

⁴⁰CAB 66/60/16, p.4.

⁴¹CAB 66/60/16, p.5.

⁴²CAB 66/60/16, p.3.

⁴³CAB 66/60/16, p.2.

muito para nos atrapalhar, ao encorajar os rebeldes [gregos] a pensar que nós não somos apoiados pelo pessoal de casa ou pela América”⁴⁴. Um oficial não comissionado, provavelmente escrevendo à esposa, adota o mesmo tom e se dirige, de forma geral, a todos os opositores à intervenção:

Seus jornais aí em casa parecem estar imprimindo um monte de ideias altamente políticas e várias pessoas parecem estar berrando sobre coisas em relações às quais elas não sabem absolutamente nada. Não tire conclusões precipitadas, querida, porque com o que você lê nos jornais, não tem chance de captar a verdade das coisas.⁴⁵

“Por sua incompetência e distorções, eles [os repórteres] conseguiram dar ao mundo todo a impressão errada [do que está acontecendo aqui]”⁴⁶, lê-se no texto de um oficial. Todavia, esse texto se ocupa menos da imprensa e mais de ridicularizar os membros parlamentares que se posicionavam contra a repressão ao ELAS, tidos como pusilânimes e fora de qualquer toque com a realidade:

[...] nós estamos esperando que alguns dos nossos brilhantes membros do parlamento [contrários à intervenção] venham para a Grécia, abordem essas pequenas brigadas mansas [a guerrilha] e digam a eles para serem bons garotos e realizarem eleições corretas. Nós iríamos rir muito ao vê-los tentar.⁴⁷

Outro texto, da autoria de um oficial não comissionado, diz: “Eu ouvi os resultados dos debates na Casa dos Comuns e, acredite em mim, os tolos que tiveram a ignorância de criticar os nossos métodos ao lidar com esses bandidos [...] devem vir para cá e aprender os fatos verdadeiros”⁴⁸. A opinião de um soldado raso é muito semelhante. Ele escreve a seu destinatário:

Bem, eu creio que você esteja se perguntando o que está acontecendo aqui. Bem, tudo que eu posso dizer é que eles [os parlamentares opostos à intervenção] são idiotas [...], quando paramos para pensar em algumas das coisas que os membros do Parlamento disseram acerca de [coisas de] que eles não sabem nada, eu começo a pensar que alguns deles estariam melhor empregados como varredores de rua do que como ministros.⁴⁹

Para os autores das cartas selecionadas, jornalistas e militares contrários à política de intervenção levada a cabo e defendida por Churchill não estavam apenas equivocados: a percepção que tinham do ELAS era diametralmente oposta à visão dos soldados. Nos trechos analisados encontramos (como veremos adiante) apenas uma opinião minimamente favorável

⁴⁴CAB 66/60/26, p.2.

⁴⁵CAB 66/60/16, p.1.

⁴⁶CAB 66/60/16, p.3.

⁴⁷Idem.

⁴⁸Ibidem.

⁴⁹Ibidem.

aos guerrilheiros, reconhecendo a legitimidade de sua causa, ainda que não os métodos empregados. Ao contrário da imagem de um legítimo movimento popular difundida pela imprensa britânica, o que vemos na epistolografia dos militares é a representação dos gregos que lutavam no ELAS como promotores da barbárie. O texto de um oficial não comissionado salienta a oposição do ponto de vista dos militares na Grécia — e dá a entender que a maioria dos soldados comunga com sua opinião — em relação à posição da imprensa: “O inimigo, como o chamamos, a guerrilha, como a BBC os chama, querem promover a anarquia pelos métodos mais perversos e fascistas [...]”, e sua força destrutiva seria proveniente da manipulação das vontades de interesses de “[...] um grande número de gregos perfeitamente razoáveis, que têm sofrido muito [...]”⁵⁰.

Para esse oficial, os comunistas e socialistas que seguem a direção da EAM-ELAS — apesar de considerar que não devem ser confundidos com a totalidade dos apoiadores dessa organização — e são movidos por um fanatismo muito semelhante ao fundamentalismo religioso: pensam “[...] que o milênio está próximo, que por isso eles devem liquidar todos que são rotulados pela propaganda [da EAM] como traidores. Eles acreditam que são os verdadeiros patriotas, [mas] são as ferramentas e vítimas dos verdadeiros traidores [EAM/ELAS]. Isso não poderia ser mais horrendo”⁵¹.

A mesma carta ainda traz, junto à aprovação da repressão ao ELAS, uma discreta crítica a outro aspecto da política britânica na Grécia:

[...] [Churchill] é o culpado, eu acho, por apoiar o rei e conseqüentemente nos colocar a todos nessa posição em relação à Grécia, mas eu percebo agora que ele estava certo sobre a EAM. Qualquer sorriso nosso na direção dos realistas foi errado, e ainda é assim, porque eles, pela sua própria existência, formam o partido político do trono [...].⁵²

A correspondência de outro oficial também traz os dois elementos fundamentais da carta anterior: o primeiro é a ideia de que o apoio popular à EAM/ELAS se devia apenas à manipulação e principalmente à coerção, como se simplesmente não fosse possível que as ações da EAM correspondessem minimamente a demandas populares legítimas; e o segundo é uma crítica à monarquia em torno da qual se estruturou o Governo de Unidade Nacional, o que pode levar, implicitamente, a uma crítica ao governo britânico por seu apoio a George II, Rei dos Helenos.

Em Atenas o ELAS caiu sob influência do elemento comunista extremo (KKE), que organizou manifestações contínuas às quais a população foi coagida a comparecer. Jovens das regiões mais inóspitas, armados até os dentes, mantinham controle por

⁵⁰ CAB 66/60/16, p.3.

⁵¹ Idem.

⁵² Ibidem.

intermédio de uma máquina partidária altamente organizada e apoiada pelo terrorismo. O governo central, que havia sido trazido do Egito, era muito fraco, especialmente no tocante à sua falha em lidar com os colaboracionistas.⁵³

Não encontramos, nos excertos selecionados pelas Autoridades de Censura Militar, mais nenhuma crítica ao apoio britânico à monarquia helênica. Em contrapartida, outros seis trechos — todos de oficiais — repetem a ideia, expressa nas cartas acima, de que a EAM/ELAS não dialogava com os legítimos anseios da população grega. Um deles lamenta: “Essas pobres pessoas não parecem estar tendo um natal muito feliz; é uma pena, depois dos terríveis anos pelos quais eles passaram, ter que sofrer mais por conta das armações de uns poucos gângsteres”.⁵⁴ Outro defende o primeiro-ministro: “[...] Churchill e [Anthony] Eden deram a verdade absoluta à Câmara dos Comuns quando eles disseram que uma minoria de gângsteres estava tentando tomar o controle da Grécia [...]”.⁵⁵

Os outros quatro textos de oficiais adicionam à ideia da falta de legitimidade dos guerrilheiros a percepção de que a presença e as ações das forças armadas britânicas seriam apreciadas pela maioria dos gregos. “Em minha cabeça, não há dúvida que uma grande maioria do povo é realmente amigável em relação a nós, e que são poucos os extremistas que construíram, por intermédio de terrorismo bem organizado, um exército formidável”⁵⁶, opina um oficial. “Isso [a intervenção] é algo que deve ser feito [...] [e] a maioria desse povo [a população grega] não quer lutar contra os britânicos de forma alguma”⁵⁷, lemos em outro texto. “Eu penso que a maioria das pessoas em Atenas e Pireu estão felizes que isto [a intervenção britânica] esteja acontecendo”,⁵⁸ avalia outro militar. No último trecho do relatório, há uma afirmação taxativa e confiante: “Uma coisa que eu posso dizer é que 98% da população é intensamente pró-britânica. É inacreditável como nos recebem nas vilas.”⁵⁹

A única expressão relativamente destoante que encontramos no relatório é a de um sapador. Segundo seu ponto de vista, o conflito na Grécia não poderá ser vencido militarmente pelos britânicos. Isso se daria justamente por conta da consonância das ações da EAM/ELAS com os anseios da população:

[...] é horrível pensar em toda essa matança, depois de tudo pelo que esse povo passou, e, acredite em mim, isto pelo que eles lutam não é coisa pequena. Se as pessoas em casa [na Grã-Bretanha] que estão comandando isto aqui pensam que eles podem esmagar [a guerrilha] com uma força armada, logo eles mudarão de ideia; [a força] pode matar alguns milhares, mas isso não vai pará-los. Isso poderia ter sido

⁵³ CAB 66/60/16, p.4.

⁵⁴ CAB 66/60/16, p.6.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ CAB 66/60/16, p.4.

⁵⁷ CAB 66/60/16, p.5.

⁵⁸ CAB 66/60/16, p.6.

⁵⁹ Idem.

resolvido de forma civilizada entre nós e as partes aqui envolvidas antes que se tornasse grande demais.⁶⁰

Trata-se de um reconhecimento, ainda que muito implícito, de que a adesão popular ao ELAS tinha ao menos alguma legitimidade, extrapolando a ideia de que o apoio seria resultante apenas de ameaças de violência física e da manipulação do povo grego. Consideramos razoável supor que esse soldado estivesse mais bem informado do que seus colegas e superiores cujos trechos de correspondência constam no relatório analisado. Afinal, historiadores como Keith Lowe consideram que os avanços sociais promovidos pela EAM a nível local “[...] eram fenomenais, em particular porque ocorreram durante uma guerra brutal, quando sua própria existência era considerada ilegal pelas autoridades ocupantes”⁶¹. Mesmo em uma época de carestia alimentar, por exemplo, os membros dessa organização empreenderam uma reforma agrária e distribuição de estoques de comida. Além disso:

Instituíram uma forma nova e popular de “justiça do povo” que era executada em vilarejos em vez de cidades locais, com jurados da região em vez de advogados e juízes caros, e em grego demótico [*i.e.* a versão vernacular moderna do grego] em vez de grego formal, que era como um idioma estrangeiro para a maioria dos camponeses gregos. Criaram quase mil grupos culturais de aldeia na Grécia, patrocinavam diversos grupos de teatro itinerantes e publicaram jornais que eram lidos por todo o país. Constituíram incontáveis escolas e creches, que ofereciam educação para gente que nunca havia tido essa oportunidade antes. Eles encorajaram grupos de jovens e a emancipação das mulheres — na verdade, foi a EAM que primeiro concedeu o voto às mulheres gregas em 1944 —, e além disso repararam estradas e criaram redes de comunicação sem precedentes. Essas conquistas eram particularmente notáveis nas partes mais remotas das montanhas gregas, que haviam sido completamente ignoradas por políticos de antes da guerra.⁶²

Não encontramos outro sinal de reconhecimento de legitimidade nos trechos selecionados. Isso não é surpreendente, ainda que se desconsiderarmos a possibilidade, já mencionada, de que o relatório analisado tenha sido elaborado com o fim específico de fazer contraponto, perante os *policymakers* britânicos, à difusão pela imprensa de uma visão positiva da guerrilha. Como atestou Woodhouse⁶³, a atuação social da EAM esteve concentrada nas regiões montanhosas do país, cuja população raramente tinha acesso a serviços estatais. Os soldados britânicos que estavam na Grécia durante a *Dekemvriana* atuavam, em sua maioria, na região metropolitana de Atenas e arredores, áreas em que se concentrou a destruição resultante do conflito de dezembro. Embora no relatório não haja dados explícitos que comprovem isso, é razoável supor que os autores das cartas não se

⁶⁰ CAB 66/60/16, p.5.

⁶¹ LOWE, Keith. *Continente selvagem: o caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p.339.

⁶² LOWE, *op. cit.*, pp.339/340.

⁶³ Apud LOWE, *op. cit.*

constituíssem em exceção: além da dificuldade de penetração nas montanhas por parte de forasteiros, todas as menções geográficas específicas contidas nas cartas fazem referência apenas a Atenas e a Pireu, município portuário vizinho da capital.

Levando isso em consideração, não é de se espantar que não apareçam referências ao trabalho inclusivo feito pela EAM/ELAS e que a organização apareça apenas como um grupo violento que oprime seu próprio povo: “Eles [os gregos] têm sido aterrorizados por tempo demais por esses gângsteres armados e já era hora de lidar com eles da maneira apropriada”,⁶⁴ escreve um oficial. É sintomática a escolha do termo *gângster*, que apareceu mais duas vezes ao longo do relatório: os guerrilheiros vistos como nada mais do que um bando organizado de criminosos violentos, que intimidam, assassinam e extorquem. Outro oficial oferece uma visão mais detalhada:

[...] o fato é que o ELAS e seus homens começaram uma guerra, e estão a conduzindo de forma que seja imposto o máximo de dificuldades sobre a população de Atenas. A greve geral, o fechamento de lojas e padarias (o pão agora custa uma libra e meia a bisnaga), tiroteios indiscriminados que levam a um grande número de casualidades civis, tudo isso confirma a crença de que as pessoas que disso participam estão muito longe de serem libertadoras. Dou um exemplo: um franco atirador abateu sete pessoas em um dia — dois soldados britânicos, que foram levemente feridos, e cinco civis, um dos quais era uma mulher de 50 anos que foi atingida no peito e morreu a caminho do hospital.⁶⁵

Outra correspondência de um oficial registra que os membros do ELAS são “[...] comunistas do mais virulento tipo, agressivos e homicidas, sem um ato de patriotismo”⁶⁶. A polícia estava certa ao atirar contra a multidão na Praça Syntagma, no dia três de dezembro, justifica o autor e acrescenta: “Eu sinto muito que havia [na praça] jovens garotos e garotas que foram mortos, mas eles foram colocados como escudo humano [pelo ELAS], uma forma muito baixa de luta”⁶⁷. A opinião segundo a qual o ELAS estava empregando formas desonrosas de combate é compartilhada por um oficial não comissionado: “Os métodos de luta dessa gente são dos mais baixos, e eu não gosto disso nem um pouco. Se é necessário lutar, que se lute de forma limpa”⁶⁸. O relato de um outro oficial, ao tratar a relação do ELAS com a população, é quase desesperado:

Eu te pergunto, podemos ficar parados sem fazer nada enquanto os rebeldes atiram em pessoas indefesas, mulheres e crianças, explodem casas, cortam fora suas cabeças e vários outros atos de barbárie? Devemos permitir que eles ataquem uma cidade e apenas digamos: “vamos, companheiros, não façam isso”? Eu digo que isso

⁶⁴ CAB 66/60/16, p.6.

⁶⁵ CAB 66/60/16, p.2.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ CAB 66/60/16, p.4.

é impossível. Existe apenas uma resposta para um bando de terroristas armados e [esta resposta] é a força.⁶⁹

A mesma correspondência traz conjecturas sobre possíveis conexões escusas da EAM:

Nós não gostamos disso, mas eu asseguro que isso é tudo parte de toda a podridão semeada pelo Huno. Você pode perguntar, porque nossos garotos devem dar suas vidas para resolver diferenças políticas gregas, mas são apenas políticas gregas [que estão em jogo aqui]? Eu digo que não, isso tudo é parte da guerra contra o Huno, e nós devemos seguir em frente e exterminar esse elemento rebelde.⁶

“Huno” era a forma pela qual os soldados britânicos se referiam aos alemães. Essa conexão entre o ELAS e os nazistas aparece mais de uma vez no relatório. Em outro excerto, escrito por um oficial, lemos: “[Nós] acreditamos no senhor Churchill, e seu discurso nos animou muito, agora nós sabemos pelo que estamos lutando, e contra o que estamos lutando; trata-se obviamente de um elemento Huno [germânico] por trás de todo esse problema”⁷⁰.

Outra carta, também de um oficial, relata:

Embora ambos os grupos guerrilheiros [ELAS e EDES] fossem antialemães na aparência, ELAS utilizou os armamentos e treinamentos para um propósito diferente. Nós, os britânicos, suprimos ambos os exércitos com comida, armas, ouro, roupas, e tudo mais, para ajudar a incentivar o espírito de resistência – em uma ignorância ou estupidez. [...] Nós temos parte da culpa em armar esses tipos maus, então deve ser nossa responsabilidade colocar corrigir as coisas para os gregos, mesmo que isso leve anos.⁷¹

Existe, nesse excerto, menção à política empreendida pela Executiva de Operações Especiais britânica (Special Operations Executive — SOE) durante a ocupação. Enquanto o Foreign Office se ocupava em apoiar politicamente o Rei dos Helenos em exílio, a SOE abastecia a EAM-ELAS, o EDES e outros grupos guerrilheiros menores com dinheiro, armamentos e equipamentos, com o intuito de causar o máximo possível de dano aos nazistas. Esse auxílio facilitou o fortalecimento e expansão do ELAS. Mais adiante, o mesmo oficial considera que essa política tornou os britânicos moralmente responsáveis pela Grécia: “Nós temos parte da culpa em armar esses tipos maus, então deve ser nossa responsabilidade colocar corrigir as coisas para os gregos, mesmo que isso leve anos.”⁷²

No texto de um militar de ranking desconhecido, também encontramos uma referência no mesmo sentido, em que se apresenta o argumento de que o ELAS teria utilizado o armamento a eles entregue pelos britânicos para auxiliar aqueles que aparentemente eram seus inimigos: os nazistas.

Os guerrilheiros estão posicionados a uma pequena distância, e pelo dia todo podemos assistir à Força Aérea e alguns destróieres atacá-los. [...] Eu não consigo

⁶⁹ CAB 66/60/16, p.2.

⁷⁰ CAB 66/60/16, p.3.

⁷¹ Idem.

⁷² Ibidem.

imaginá-los mantendo essa palhaçada por muito tempo, desnecessário dizer que os diabos têm estocado os armamentos que foram enviados a eles para usar contra os alemães. Os diabos cheios de artimanhas esperaram três anos e meio por essa chance, mas como você sabe, o tiro saiu pela culatra, eles jamais esperavam a nossa intervenção, mas aparentemente eles não perceberam que seus métodos são justamente aqueles contra os quais estivemos lutando nesta guerra [a Segunda Guerra Mundial].⁷³

Considerações finais

Bandidos, gângsteres, terroristas, covardes, trapaceiros, anarquistas, intimidadores, violentos e assassinos. Além de tudo, manipuladores. Por meio dessas definições, parte dos soldados britânicos apresentava os “inimigos gregos” aos seus familiares e amigos. Se, como sustentam Sakkas e Koutsopanagou, durante os conflitos de dezembro de 1944 a imprensa e o público britânicos se colocaram, de modo geral, favoravelmente à guerrilha — considerando-a um representante legítimo das demandas do povo grego —, os soldados cujos trechos de cartas constam no relatório analisado apresentam um ponto de vista antípoda.

A percepção do ELAS construída por esses membros das forças armadas britânicas é a de um grupo que estava muito mais próximo de uma gangue criminosa do que de uma organização política de resistência. Todo e qualquer apoio aparente que os guerrilheiros comunistas pudessem ter seria, sem dúvida, resultado de uma combinação de manipulação e intimidação. Com a exceção de uma carta, não encontramos no relatório indícios de que esses soldados considerassem que as camadas populares gregas pudessem aderir ao ELAS de livre e espontânea vontade, advinda de uma concordância com o intuito da guerrilha de fazer frente ao Governo de Unidade Nacional. Não é feita menção alguma às melhoras empreendidas pela EAM em relação ao acesso a bens e serviços pelos mais pobres, ao passo em que a violência e a barbárie dos guerrilheiros de esquerda foram ressaltadas diversas vezes.

Mais do que isso, o retrato que emerge do ELAS a partir das correspondências estudadas é a de um grupo que não se mantém nos marcos de uma guerra “justa” e “limpa”. Pelo contrário: faziam uso de artimanhas e enganações, além de muitas vezes, em busca de vantagens de combate, colocarem civis em situação de risco. O próprio governo britânico, na visão dos soldados, teria empreendido uma política equivocada ao armar um grupo que, ao fim e ao cabo, teria se mostrado uma extensão dos nazistas alemães.

Tamanha diferença entre perspectivas (soldados *versus* imprensa) é um indicativo da controvérsia que a questão grega gerou na sociedade britânica. Começar a lançar alguma luz

⁷³ CAB 66/60/16, p.4.

sobre como os britânicos interpretaram, apoiaram e criticaram a política de seu governo para a Grécia nos ajuda, em parte, a vislumbrar a complexidade com que era percebida a projeção econômica, política e militar da Grã-Bretanha em âmbito global. Considerando que a guerra civil grega se deu na esteira da Segunda Guerra Mundial, época em que o poder emanado de Londres se exauria e sofria profundos questionamentos em diversas instâncias, espera-se que os aspectos aqui estudados possam, em alguma medida, contribuir para a compreensão de como eram discutidos, na sociedade britânica, diversos aspectos da decadência de sua força global e de seu império.

Referências

Fontes

Daily Worker, 18. Dec. 1944.

HC Deb (05 December 1944) vol 406, c359. Disponível em:
<https://api.parliament.uk/historic-hansard/commons/1944/dec/05/greece-disturbances-athens>.
Acesso em: 10 de abril de 2019.

The National Archives. CAB 65/44/41. Disponível em:
<https://discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/C9169122>. Acesso em 27 de março de 2019.

The National Archives: CAB 66/60/16. Disponível em:
<https://discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/C9089701>. Acesso em 27 de março de 2019.

Livros

DEIGHTON, Anne (org.). *Britain and the first cold war*. New York: Palgrave MacMillan, 1990.

FRAZIER, Robert. *Anglo-american relations with Greece: the coming of the Cold War, 1942-1947*. New York: St Martin's Press, 1991.

GEROYMATOS, André. *An international civil war: Greece, 1943-1949*. 1ªed. New Haven: Yale University Press, 2016.

IATRIDES, John. *Revolt in Athens*. 1ªed. Princenton: Princenton University Press, 1972.

KOUSOULAS, George. *Revolution and defeat: the story of the greek communist party*. 1ªed. Oxford: Oxford University Press, 1965.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LOWE, Keith. *Continente selvagem: o caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2017

O'BALANCE, Edgar. *The greek civil war*. 1ªed. New York: Praeger, 1966.

PAPANDREOU, Andreas. *Democracy at gunpoint: the greek front*. 1ªed. Middlesex: Pelican Books, 1973).

PORTER, Bernard. *The lion's share: a short history of british imperialism, 1850-1995*. 3ªed. London: Longman, 1996.

SAKKAS, John. *Britain and the greek civil war, 1944-1949: british imperialism, public opinion and the coming of the cold war*. 1ªed. Berlim: Verlag, 2007.

STAVRIANOS, Leften. *Greece: american dilemma and oportunity*. 1ª ed. Chicago: Henry Regnery, 1952.

TSOUKALAS, Constantin. *The greek tragedy*. 1ªed. London: Penguin, 1969.

WEILER, Peter. *British Labour and the cold war*. 1ªed. Stanford: Stanford University Press, 1988.

WOODHOUSE, C. M. *The struggle for Greece*. 2ª edição. New York: Ivan Dee, 2002.

Artigos em periódicos

HASSIOTIS, Loukianos. *The Dekemvriana through the eyes of the British soldiers*. *Journal of Modern Greek Studies*, Baltimore, v.33, n.2, pp.269-291, out 2015.

Teses e dissertações

KOUTSOPANAGOU, Panagioula. *The british press and greek politics, 1943-1949*. 1996. Tese (Doutorado em História Internacional) – London School of Economics and Political Science, University of London, London.

Capítulos

RODRIGUES, Henriques. *O bilhete postal na Primeira Guerra Mundial, uma fonte a explorar*. In: PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge; ALVES, Luís Alberto M.; MEIRELES, Maria Conceição (org.). *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e representações*. 1ªed. Porto: CITCEM, 2014.

SAKKAS, Jonh. *Old Interpretations and New Approaches in the Historiography of the Greek Civil War*. Sd. Disponível em: www.academia.edu/john-sakkas-old-interpretations-new-approaches-greek-civil-war. Acesso em 01/06/2019.